

A Lua perdida

Jimmy Liao

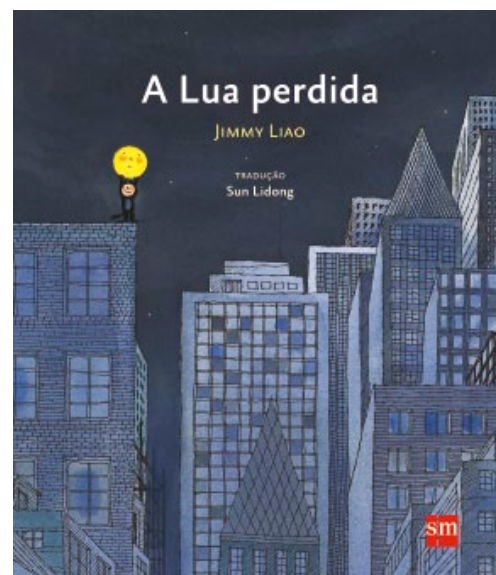
Ilustrações do autor

Tradução Sun Lidong

Nível leitor A partir de 12 anos

Anos escolares 7º e 8º

120 páginas



TEMAS Solidão / Amizade / Passagem do tempo / Cidades

O AUTOR Jimmy Liao nasceu em 1958, em Taipei, Taiwan. Formado em Belas-Artes pela Universidade de Cultura Chinesa, é autor e ilustrador consagrado dentro e fora do continente asiático. Desde 1995, quando se afastou do mercado publicitário por questões de saúde, Liao se dedica exclusivamente à literatura. Seus livros estão traduzidos para mais de nove idiomas, e vários deles foram adaptados para teatro, cinema e animação. Recebeu prêmios e homenagens importantes, inclusive no campo cinematográfico, como o Prêmio do Júri do Festival de Cinema de Berlim (2006). Do autor, a SM publicou também *Uma noite muito, muito estrelada* (2011) e *À esquerda, à direita* (2012), ambos traduzidos diretamente do mandarim.

O LIVRO Nesta fábula contemporânea sobre solidão e amizade, um menino tem a vida transformada ao encontrar a Lua caída em um lago. O satélite da Terra desapareceu do céu sem deixar rastro. Com exceção do menino, ninguém sabe dizer onde a Lua foi parar, embora todos sintam os efeitos de sua ausência: o clima muda abruptamente; rios deixam de correr, transformando-se em massas inertes de água parada; astronautas perdem-se no espaço. Sem a Lua girando em torno da Terra, a vida no planeta parece estar literalmente sem norte.

No entanto, traumatizada pela queda abrupta, a Lua passa a ter medo de flutuar. Só depois de muito tempo morando na casa do menino, recebendo seus cuidados e desenvolvendo profunda amizade por ele, é que ela se sente forte outra vez, pronta para “voar”. O que é uma boa notícia para o mundo é um desastre para o menino: ele nunca tivera um amigo nem se divertira tanto como na companhia do satélite terrestre. Além do mais, seus pais estão imersos em algum caos amoroso inescrutável e não querem saber dos assuntos do filho. Sem a Lua por perto, ele voltará a se sentir invisível e solitário. Como pode deixar sua única amiga ir embora?



OBRA EM CONTEXTO

ELOGIO DA CATÁSTROFE

A dificuldade de lidar com a perda é o conflito central de *A Lua perdida* e o desafio principal que o menino terá pela frente, mesmo ao atingir a idade adulta. Nas ilustrações que abrem o livro, vê-se um homem caindo depois de observar a Lua, dando a entender que ele saltou da varanda para alcançá-la no céu. O resultado dessa tentativa ousada de se reencontrar com a antiga companheira de infância pode ser visto nas últimas páginas: primeiro, o homem aparece internado no hospital, com a cabeça enfaixada; depois, ao ar livre, apoiado em muletas, com a perna e a cabeça enfaixadas, observando a Lua.

Será esse um final trágico? Não, a julgar pela ilustração da última página, em que a Lua surge por detrás da porta, dando a entender que foi visitar o amigo no hospital. Encimada pela sugestiva frase “Dedicado às crianças que crescem com coragem”, trata-se de uma importante chave interpretativa do livro.

Diferentemente dos contos moralizantes, típicos da literatura infantil dos séculos XVIII e XIX, como “Chapeuzinho Vermelho” e “João e Maria”, em *A Lua perdida* a concretização

de uma catástrofe (espatifar-se no chão) funciona como um elogio das decisões tomadas pelo personagem. Nos contos tradicionais citados, ocorre o oposto: Chapeuzinho, João e Maria representam a criança que faz o que não deve, pelo que é devidamente “punida”: devorada e/ou atacada — seja pelo lobo, seja pela bruxa. Já a perna quebrada do homem-menino de *A Lua perdida* é apresentada como marca de sua coragem moral, algo que o distingue e engrandece em comparação a outras pessoas, que, quando crescem, perdem a coragem de acreditar em algo que só as crianças podem ver.

ELEMENTOS DE LIGAÇÃO

Estamos acostumados a conceber uma narrativa com começo, meio e fim, nessa ordem. Não é o que acontece em *A Lua perdida*. A história se inicia com um homem adulto, desenrola-se com um menino e termina voltando a um adulto. A relação entre o homem e o menino é revelada aos poucos: só nas páginas finais é que o leitor se dá conta de que são a mesma pessoa.

As ilustrações e o texto contêm importantes elementos de ligação das duas histórias, detalhes presentes tanto em uma como na outra, ainda que com pequenas diferenças. Vale a pena apontá-los aos alunos, porque é com base neles que se pode construir o nexos entre os dois blocos de narração, aprimorando as capacidades de observação e interpretação.

Entre eles estão: *a porta azul*, que, no início, aparece fechada e, no final, entreaberta, com a Lua atrás dela; *a bermuda vermelha*, usada pelo menino e também pelo homem, na penúltima página; e *o lírio*, indicado textualmente, no momento em que ele adormece sobre a Lua (p. 111), e como imagem, ao lado da cama do homem no hospital (p. 117).

Outro importante elemento de ligação se observa na frase que abre o livro, impressa em página negra: “Já não vemos mais as coisas que víamos antes”. Nela há alguns indícios que merecem ser analisados. Em primeiro lugar, o emissário: o sujeito da oração está na primeira pessoa do plural, “nós”. Mas a quem ele se refere? A nós, *adultos*, ou a nós, *que vivemos isso antes*? Em segundo lugar, o tempo verbal: o pretérito imperfeito do indicativo do verbo “ver” (“víamos”), dando a entender que o narrador se identifica como alguém que um dia viu coisas



que hoje não vê mais, ou seja, um adulto que se recorda de acontecimentos da infância. Quais? O leitor só os descobrirá acompanhando a história do menino que encontra a Lua.

PERDIDA PARA UNS, ACHADA PARA OUTROS

Das três partes que compõem o livro, a segunda é a mais longa: vai do dia em que o menino encontra a Lua caída até o momento em que ela retorna para o céu, depois de estabelecerem uma amizade duradoura. Do ponto de vista da criança, trata-se, portanto, da história da Lua achada, e não perdida, como diz o título.

A Lua só é considerada perdida pelas outras pessoas. Elas sentem tanto a falta do satélite da Terra que acabam produzindo luas artificiais para aplacar a tristeza de conviver noite após noite com a escuridão. Tal imagem que remete à solidão nas grandes cidades, cujos habitantes, mesmo em meio à multidão, costumam sofrer de sentimentos de ausência e incapacidade de se comunicar, interpretação que é reforçada pelo fato de esse ser um tema recorrente em outras obras do autor.

No âmbito de *A Lua perdida*, pode-se questionar por que a Lua aparece para o menino, uma vez que ele é mais um dentre tantos moradores da grande cidade. Há, porém, algo muito especial entre ele e o astro: diferentemente das outras pessoas, o menino não tem medo de enxergar uma coisa que está “apenas encoberta pelas nuvens” (p. 17), ou seja, não se permite ignorar a presença da Lua nem substituir seu brilho por luas artificiais. Tenta mostrar aos pais que sabe do paradeiro da Lua, mas eles não acreditam. E, quando sai com ela pela noite, nenhuma pessoa os vê. Estão todos desinteressados.

O menino é o único a acreditar em algo que parece perdido para sempre. Em nenhum momento duvida da existência da Lua, de que ela permanece brilhando em algum ponto do céu, mesmo que não possa ser vista por todos. Crer no que parece impossível é um diferencial do personagem, tanto criança como adulto. Assim como o menino, o homem “amalucado”, que se atira de uma varanda, acredita em algo aparentemente absurdo: que pode alcançar a Lua.

Ao manter-se fiel a essa crença, o homem crescido deixa claro que o tempo da infância não está realmente perdido; pode ser acessado pela lembrança, pela fantasia, pelo sonho.

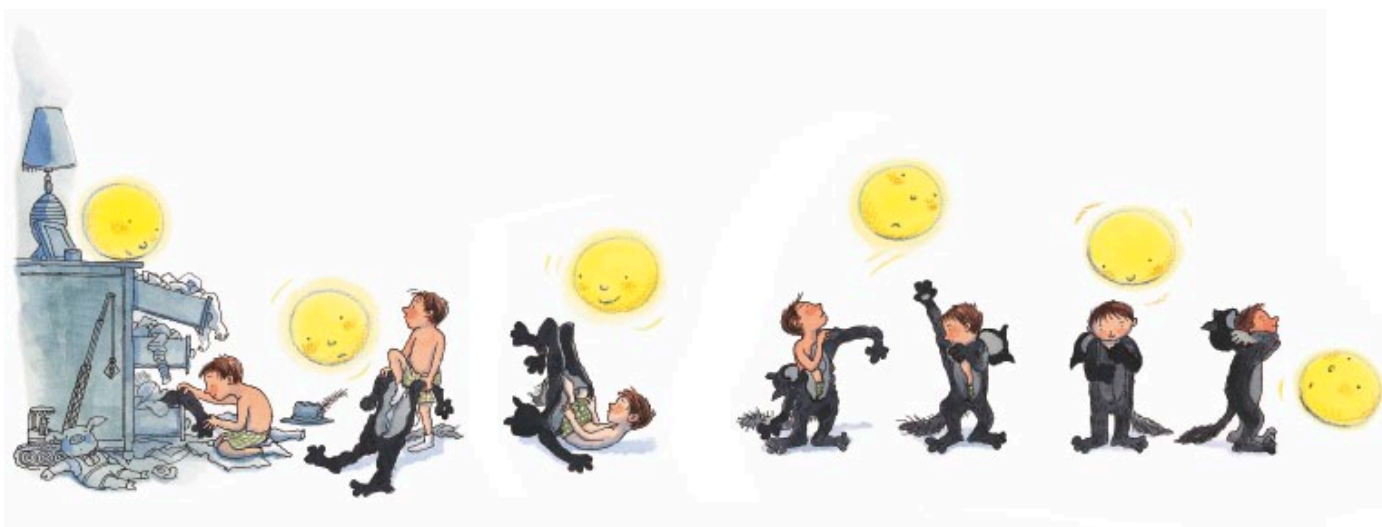


REMEMORAÇÕES

Em 1913, o escritor francês Marcel Proust (1871-1922) publicou a primeira parte de seu romance *Em busca do tempo perdido*. Nele, o autor se detém sobre a inexorável passagem do tempo e a dolorosa impossibilidade de reviver os acontecimentos passados, ainda que a memória os possa reconstruir com precisão. Na cena mais famosa do livro, o personagem-narrador é tomado por uma série de memórias assim que morde um banal bolinho chamado *madeleine*. É justamente a banalidade da cena que faz com que salte aos olhos a impressionante força de atração que o passado exerce sobre nós — um pouco como o personagem de *A Lua perdida*, que jamais esquece os momentos vívidos (fantasiados) com a Lua na infância.

De outro modo, *Peter Pan* também é um bom exemplo do desejo humano de controlar o tempo. No clássico infantojuvenil do escocês J. M. Barrie (1867-1937), Peter é um menino que se recusa a crescer. Vivendo na Terra do Nunca em companhia de seres fantásticos, como a fada Sininho, ele comanda uma legião de meninos órfãos que, como ele, não podem ou não querem se tornar adultos.

Comparando o trecho que inicia a história, “Já não vemos mais as coisas que víamos antes. [...] As lembranças foram esquecidas”, com o que encerra o livro, “As coisas que estavam ocultas agora são visíveis. [...] As coisas que estavam esquecidas são agora lembradas”, é evidente o ganho de otimismo. Lembrar, portanto, equivaleria a viver novamente ou retomar a coragem daquela criança que contraria as normas e se entrega ao sonho de sair de órbita amarrada à Lua.



OUTRAS DIMENSÕES DO TEMPO

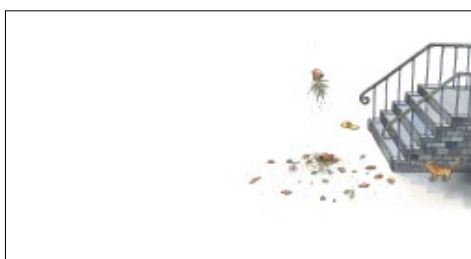
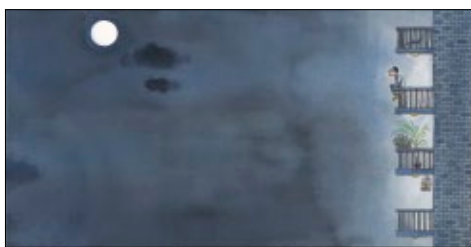
Em termos de estrutura narrativa, *A Lua perdida* começa pelo final, ou seja, pelo personagem já adulto, e termina mostrando como ele ainda guarda muito daquilo que foi quando criança. Uma vez que início e fim coincidem em termos temporal e temático, como uma cobra que morde o próprio rabo, dizemos tratar-se de uma **narrativa cíclica**.

No caso de *A Lua perdida*, o prólogo feito apenas de ilustrações, sem apoio de texto, cria suspense e gera expectativa, em excelente exemplo desse tipo de narração. Por isso, vale a pena explorar bem essas imagens e chamar a atenção dos alunos para o efeito psicológico criado pelo autor. O que teria levado o personagem adulto àquele ponto? É o que o leitor inevitavelmente se pergunta.

Outro aspecto estrutural da obra de Liao que merece destaque, também relacionado à representação inteligente do tempo, é o uso de outras linguagens artísticas, como cinema e quadrinhos. Em diversas ilustrações, as ações do personagem são representadas quadro a quadro, como em um filme em

NARRATIVA CÍCLICA

Uma boa maneira de demonstrar o conceito para os alunos é compartilhar com eles narrativas que possam ser contadas de trás para frente, partindo do final para só depois explicar o começo. Por exemplo, em um romance policial, onde geralmente o crime é descrito no início e só no final se apresenta sua solução, a revelação das circunstâncias que levaram àquela situação posta no começo da trama.



[...]



câmera lenta, em que cada movimento é apresentado como uma sequência de ações mais curtas. Esse modo de narrar fica bem evidente em toda a parte dedicada à vida adulta do personagem: acompanha-se minuto a minuto sua queda da varanda até que — *pausa!* — a narrativa da queda é suspensa para ser retomada apenas nas páginas finais.

Em resumo, a dimensão do tempo está presente ao longo livro tanto no conteúdo (assuntos que refletem a passagem do tempo, como infância, maturidade, ciclos lunares etc.) como na forma (criação de suspense, uso de recursos de suspensão temporal etc.). Por meio desses elementos narrativos em texto e imagem, o autor acaba criando um tempo próprio, genuinamente fictício, que não segue as mesmas regras da experiência sensível (a queda de um corpo não pode ser interrompida no meio, por exemplo).

Além de ser um assunto muito atraente para a faixa etária, a representação do tempo na literatura, no cinema e nas artes em geral é um tema amplo, que rende diversas atividades em sala de aula. No caso específico da ficção, esse olhar atento para as muitas maneiras de representação aprimora a capacidade crítica dos alunos e certamente despertará o interesse deles para novas formas de escrever uma história.

NA SALA DE AULA

Para saber mais

• ANTOINE-ANDERSEN, Véronique. *Arte para compreender o mundo*. São Paulo: Edições SM, 2007.

Com abordagem crítica e texto bem-humorado, o livro debate a função da arte e traz reproduções de obras de todos os tempos e movimentos, incluindo o realismo mágico e o surrealismo.

• CORTÁZAR, Julio. *Todos os fogos o fogo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Coletânea de oito contos do escritor argentino, considerado um mestre do gênero curto e um dos principais representantes do surrealismo na literatura latino-americana.

• GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Um clássico da literatura latino-americana e obra-prima do realismo mágico, o romance narra a história da família Buendía e do lugar onde vive há muitas gerações, a imaginária cidade de Macondo.

• LIAO, Jimmy. *Uma noite muito, muito estrelada*. São Paulo: Edições SM, 2011.

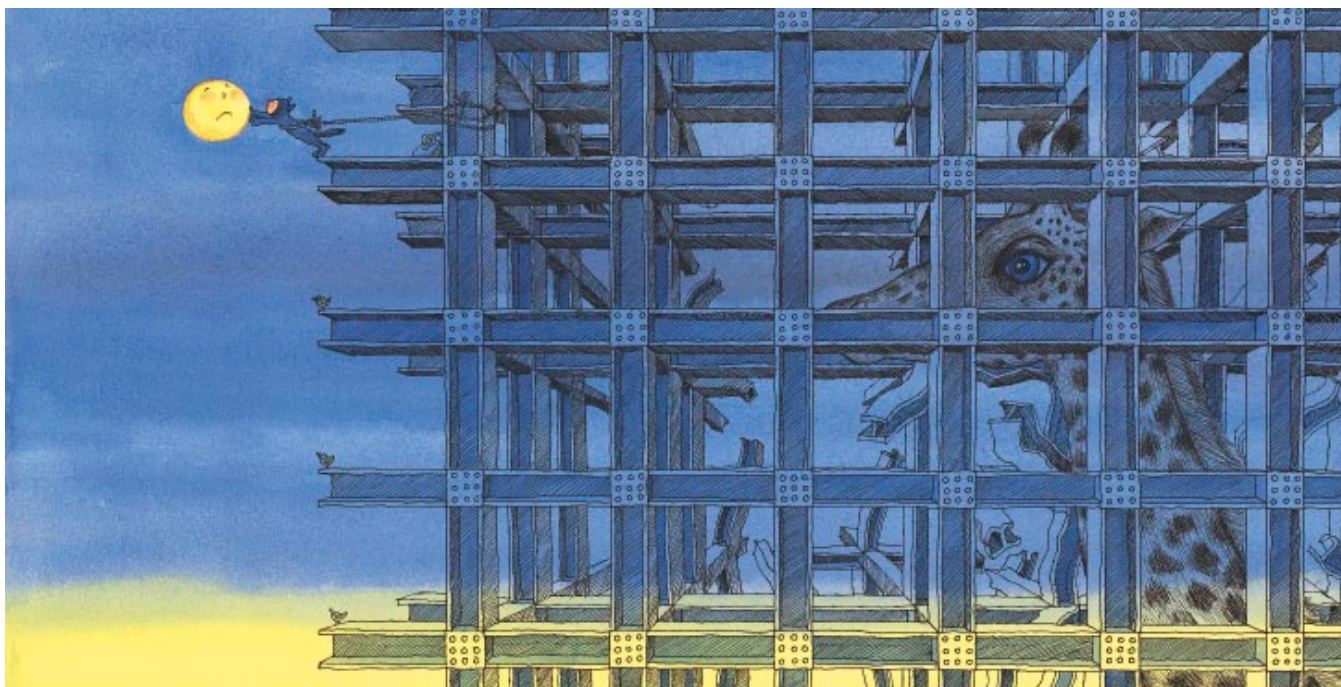
Filha única de pais ocupados e distantes, uma menina vive entre o sonho e a realidade até conhecer um garoto tão solitário quanto ela, com quem partirá em busca da noite estrelada que costumava admirar com o avô.

1. Peça aos alunos que comparem as representações da Lua que aparecem ao longo do livro. É interessante eles notarem que, quando vista pelo menino, ela possui rosto, ao passo que, aos olhos do adulto, é apenas um astro brilhante no céu. Essa diferença básica assinala a distinção entre o olhar da criança, cujos limiares entre imaginação e realidade são mais tênues, e o do adulto, que tende a ver o mais evidente, o óbvio. Chame a atenção para as representações da Lua nas páginas 110 e 112, em que ela aparece com e sem rosto, em uma demonstração da passagem da imaginação infantil para a “realidade” adulta, no hospital.

2. Aproveite a temática do livro para tratar das fases lunares e para calcular com os alunos o tempo aproximado que o homem passou no hospital, considerando que a Lua estava cheia no dia da queda e crescente quando ele, no final, aparece de muletas. Quanto tempo a Lua leva para passar de uma fase a outra? Essa é uma forma interessante de estabelecer a relação entre o ciclo lunar e a contagem do tempo.

3. Nas ilustrações, o autor incluiu figuras agigantadas de animais. Esse recurso, bastante comum na obra de Liao (em outros livros dele também há animais de grandes proporções “perdidos” em meio à história), remete às estéticas do surrealismo e do realismo mágico.

Sugira então aos alunos que os identifiquem: coelho (p. 12-3); gato (p. 34-5); pássaro (p. 54-5); outro pássaro, identificado pelas patas (p. 68-9); coruja (p. 70-1); rato (p. 76); gato (p. 78-9); coelho, do qual se vê apenas o olho (p. 85); girafa (p. 88-89); coelho (p. 92-93); pato (p. 96-97). Aponte o alheamento das pessoas diante dessas aparições e peça que levantem hipóteses para o fato de os animais estarem lá e ninguém os ver ou se importar com eles. Mostre algumas obras surrealistas — por exemplo, de Salvador Dalí (1904-1989) ou René Magritte (1898-1967) —, em que elementos estranhos invadem a realidade.



• TAN, Shaun. *A coisa perdida*. São Paulo: Edições SM, 2012.

Um garoto descobre uma estranha criatura meio máquina, meio bicho e tenta lhe dar um destino menos descartável que o ferro-velho, mas tem de lidar com a indiferença dos outros. A obra chama a atenção para os modos de rejeição e descarte de tudo aquilo que foge à rotina.

• VERSIGNASSI, Alexandre. O que aconteceria com a Terra se a Lua se afastasse?. *Mundo Estranho*, ed. 24, fev. 2004. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/o-que-aconteceria-com-a-terra-se-a-lua-se-afastasse>>. Acesso em: jan. 2016.

Artigo jornalístico busca descrever o que aconteceria na Terra caso a Lua desaparecesse do céu. Baseado em dados científicos, mostra que não apenas a temperatura cairia bruscamente e nos mataria de frio, como os dias seriam até 48 vezes mais lentos do que são hoje.

Discutir em sala a presença desses animais é um trabalho de mão dupla: não só permite abordar dois movimentos artísticos que tiveram grande influência na construção do imaginário ocidental do século XX em diante, como reforça a ideia do sentimento de solidão e alienação que permeia a obra de Liao, deflagrando reflexões críticas e estéticas.

4. Ainda trabalhando com essas figuras habilmente distribuídas pelas páginas, mostre aos alunos alguns trabalhos de M. C. Escher (1898-1972) e fale com eles a respeito das ilusões de ótica como possibilidade de ocultação. De certo modo, como na obra do artista holandês, as ilustrações de *A Lua perdida* também parecem querer mostrar e ocultar ao mesmo tempo. No site oficial — www.mcescher.com (em inglês) —, é possível ter acesso gratuito às imagens de suas obras mais conhecidas e pesquisar a coleção “Transformations Prints”, que em muitos aspectos dialoga com as ilustrações de Liao.
5. A família do menino não parece muito presente. Em diferentes ocasiões, ele tenta chamar a atenção da mãe, mas ela está “muito cansada” (p. 47), e do pai, que em resposta à saudade do filho responde apenas: “Seja um bom menino e obedeça à sua mãe” (p. 63). O menino sente-se sozinho também na escola, não tem amigos. Diante disso,



explore com a turma os possíveis significados da frase: “Um encontro casual trouxe luz a uma vida de escuridão” (p. 37). Além de ausência de luminosidade, trata-se de uma metáfora para a solidão, o medo do isolamento. Em sentido oposto, a presença da Lua pode ser considerada a descoberta do próprio valor e da coragem para enfrentar a vida ou as más notícias que chegam pelo telefone e que fazem sua mãe chorar a noite inteira.

6. Trabalhe com os alunos a estrutura narrativa cíclica, levando-os a experimentar essa maneira de contar uma história. Sugira então uma brincadeira com situações que demandam a reflexão invertida. Você, por exemplo, pode contar a seguinte história:

À beira de uma estrada quase deserta, acaba de parar um carro vermelho, de dentro dele salta o motorista. Não há água nos próximos cinquenta quilômetros, nem posto de gasolina ou borracharia. Os pneus, aliás, estão intactos. Isso é tudo o que se sabe sobre o acontecido. O que terá ocorrido com o veículo?

Peça aos alunos que levantem hipóteses. Ao socializar suas conclusões, no entanto, eles devem explicitar que indícios os levaram a concluir por um e não outro desfecho. Esse exercício é divertido e dificilmente alguém dirá que o homem parou no acostamento apenas para observar a paisagem, como bem poderia ser. É mais provável que, dadas as pistas do enunciado (o carro parou, não há posto de gasolina por perto), eles imaginem que o veículo tenha parado por falha mecânica, mal-estar do motorista ou qualquer coisa que mexa com a imaginação. Em seguida, solicite à classe que chegue a um acordo quanto às causas do ocorrido: qual seria a melhor explicação para o que houve com o carro? Ao definirem uma solução em conjunto, os alunos estarão unindo causa e efeito ou começo e fim — as duas pontas de um mesmo processo.